

TEXTOS E CONCEITOS FUNDADORES DE MICHEL PÊCHEUX: UMA RETOMADA EM ALTHUSSER E LACAN

Bethania MARIANI*

- RESUMO: Objetiva-se descrever o percurso teórico de Michel Pêcheux com relação ao conceito de sujeito. Para tanto, faz-se um retorno a textos fundadores do marxismo e da psicanálise que foram parte da conceituação proposta por Pêcheux. O ponto de partida é justamente a retomada de questões apontadas por Pêcheux a respeito do pensamento teórico que se elaborava em meados da década de 60 sobre novas práticas de leitura. Faço, assim, um retorno a textos fundadores de Althusser e de Lacan inscritos, de modo explícito ou não, em formulações da Análise do Discurso. Assim, retoma-se, por exemplo, a leitura sintomal¹, prática de leitura proposta por Althusser a partir de seu retorno a Freud. A leitura sintomal distancia-se da leitura literal, que supõe uma espécie de inocência de um leitor desprovido de ideologia e apto a encontrar o conteúdo do texto, e também de uma leitura hermenêutica, que supostamente encontraria nas entrelinhas o sentido oculto do texto. Essas reflexões e outras se encaminham na direção de se pensar o lugar e os efeitos da Análise do Discurso hoje.
- PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso. Materialismo histórico. Psicanálise. Sujeito. Leitura.

Observações preliminares: justificativa

Este meu texto² expressa uma preocupação e um cuidado. Em meus dois últimos projetos de pesquisa (CNPq e FAPERJ), coloquei como foco a questão do sujeito para a Análise do Discurso, visando compreender o modo como Michel Pêcheux (1988) articula teoricamente essa noção tendo em vista o materialismo histórico e a psicanálise em sua base lacaniana.

Meus trabalhos partem, na maioria das vezes, das indicações teóricas do próprio Pêcheux, articuladas a questões de análise. Mais recentemente, busco compreender e apreender melhor o campo da psicanálise e, como consequência disso, analiso manifestações do sujeito na contemporaneidade, tendo como

* Bolsista de produtividade do CNPq e bolsista Cientista do Nosso Estado da FAPERJ. UFF – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras – Departamento de Ciências da Linguagem. Niterói – RJ – Brasil. 24220-008 – bmariani@terra.com.br

¹ Mantenho, aqui, a tradução feita por Evangelista (ALTHUSSER, 1984) no livro *Freud e Lacan, Marx e Freud*, que será bastante citado ao longo desse artigo.

² Texto apresentado no II CEPEL, UNEMAT, Cáceres, julho de 2008.

referencial teórico o que psicanalistas têm afirmado a partir da escuta em seus consultórios, como é o caso de Lebrun (2008) e Melman (2003).

Porém, ao longo desse percurso de leituras em campos teóricos distintos, percebi que alguns aspectos norteadores de discussões e mal-entendidos, na atualidade, sobre as noções de inconsciente e de ideologia dizem respeito a uma leitura rarefeita de textos fundadores para a constituição da Análise do Discurso nos anos 60.

Foi pensando assim que me propus trazer tais textos fundadores para discussão bem como apresentar, sinteticamente, mesmo correndo o risco de reducionismo, parte do percurso de Althusser e Lacan, autores com os quais Pêcheux dialogou ao longo de sua obra.

Pontos de partida

Leitura, escrita e interpretação têm a ver com o sujeito e com a língua materna, esse é um lugar-comum que sabemos bem. Entretanto é necessário produzir um estranhamento no campo que essa afirmativa abrange, se quisermos evitar uma repetição que os estudos linguísticos e os pedagógicos engendraram com seus métodos de ensino e técnicas de avaliação. Assim pensando, entendo que precisamos estranhar as teorias com as quais lidamos e, ao mesmo tempo, precisamos tematizar leituras e escritas que constituem o próprio percurso de uma teoria para não cairmos no automatismo de uma repetição sem memória. No caso da Análise do Discurso, esse estranhamento é necessário e possível, quando reterritorializamos os conceitos de sujeito e de língua materna com base em dois campos teóricos sem os quais a Análise do Discurso, tal como a concebemos, não poderia provocar seus efeitos: o Materialismo Histórico e a Psicanálise.

Pêcheux, em artigo de 1969 – *As ciências humanas e o momento atual*³ – já marcava a necessidade de uma ruptura na produção de conhecimentos que permitisse, de fato, uma revolução na produção do conhecimento teórico e na sua prática. Apesar da distância de pelo menos 40 anos entre essas afirmações de Pêcheux e os dias de hoje e levando em consideração a especificidade da questão francesa, de modo mais preciso, ainda assim as críticas de Pêcheux têm seu lugar no que diz respeito à pesquisa com a linguagem do ponto de vista discursivo. Isso porque, como ele afirma, o hábito do pensamento idealista, imbricado no modo de produção capitalista presente na universidade, acaba por fazer uma apropriação do pensamento crítico, produzindo uma banalização dos conceitos e um aplicacionismo para satisfazer as urgências pedagógicas do mercado.

³ Texto que traduzi recentemente e que será publicado em uma coletânea organizada por Orlandi em 2010.

Dos retornos a textos fundadores

Meu objetivo, portanto, é apresentar algumas reflexões que ajudem a provocar tal estranhamento mencionado no início deste artigo, partindo justamente de questões apontadas por Pêcheux a respeito do pensamento teórico que se elaborava em meados da década de 60 sobre novas práticas de leitura. Faço, assim, um retorno (ainda que sintético e reduzido) a textos fundadores de Althusser e de Lacan inscritos, de modo explícito ou não, em formulações da Análise do Discurso. Para tanto, retomo, inicialmente, um bastante conhecido e citado fragmento de texto de Pêcheux (1990, p.45) em *O discurso: estrutura ou acontecimento*: “O efeito subversivo da trilogia Marx-Freud-Saussure foi um desafio intelectual engajando a promessa de uma revolução cultural, que coloca em causa as evidências da ordem humana como estritamente biossocial.”

Essa afirmação é feita logo após uma citação de Althusser (1979) no livro *Ler o capital*, publicado em 1965⁴. Mas é possível depreender, aqui, para além da específica referência feita por Pêcheux a essa obra althusseriana, dois outros trabalhos teóricos desenvolvidos também por Althusser em dois momentos diferentes: *Freud e Lacan* (1964) e *Marx e Freud* (1976). Dois textos densos, politicamente estratégicos na articulação entre filosofia e política. Textos que tematizam a cientificidade do materialismo histórico e da psicanálise, dois campos com objeto próprio que subvertiam o idealismo vigente nas ciências humanas. Sabemos que Pêcheux seguiu de perto Althusser em seu posicionamento teórico e em suas discussões políticas no Partido Comunista Francês.

Althusser lendo Freud e Lacan

Em *Freud e Lacan*, Althusser (1984) escreve uma nota preliminar na qual faz uma autocrítica relativa à posição totalmente contrária à psicanálise expressa pela intelectualidade francesa engajada no Partido Comunista em 1949. Para Althusser (1984, p.47), em 1964, era necessário “[...] atravessar, à custa de grandes esforços críticos e teóricos, o imenso espaço de preconceitos ideológicos que nos separa de Freud.” Todo o texto a seguir representa um esforço teórico em mostrar e provar que a psicanálise, por ser uma “nova ciência” (expressão de Althusser) – assim como o materialismo histórico –, paga o preço da má recepção e da incompreensão de sua teoria e de sua técnica. Althusser (1984) não mede palavras: em sua minuciosa e sintética apresentação de conceitos freudianos e lacanianos, extremamente relevantes, ele chega mesmo a pontuar:

⁴ Citação de Althusser que reproduzirei mais à frente.

A parte mais original da obra de Lacan é a sua descoberta. Essa passagem da existência (no puro limite) biológica à existência humana (filho de homem), Lacan mostrou que ela se operava sob a Lei da Ordem, que eu chamarei Lei de Cultura, e que essa Lei da Ordem se confundia, em sua essência *formal*, com a ordem da linguagem. (ALTHUSSER, 1984, p.64).

A presença do pensamento de Lacan na argumentação althusseriana representa o diálogo com um autor que retoma Freud, para nele depreender o que lá já estava formulado enquanto trabalho teórico. Lacan não reduz nem se desvia do efeito subversivo produzido pela descoberta do inconsciente. Para Althusser, portanto, esse retorno de Lacan a Freud quer dizer:

[...] retorno à teoria bem estabelecida, bem fixada, bem assente no próprio Freud, à teoria madura, refletida, consolidada, verificada, à teoria suficientemente avançada e instalada na vida (inclusive na vida prática) para haver construído aí sua morada, produzido o seu método, e engendrado sua prática. (ALTHUSSER, 1984, p.56).

Se Freud, em vários momentos da sua obra, como em *A interpretação dos sonhos* e em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, pôde apontar para o fato de que, em relação ao inconsciente, tudo dependia da linguagem, Lacan (1992), por outro lado, com o apoio na Linguística, pôde avançar na teoria a partir de Freud e constituir o campo da psicanálise, marcado por alguns de seus famosos aforismos, que transcrevo a seguir: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, “o inconsciente do sujeito é o discurso do outro”, “todo ato falho é um discurso bem-sucedido”, “a lei do homem é a lei da linguagem”. Isso é possível, porque Lacan (1992), desde o primeiro de seus seminários – *Os escritos técnicos de Freud* (1953-54)⁵ –, percebe esse modo de Freud teorizar sobre sua própria prática clínica e chama a atenção para a presença, na obra freudiana, de inúmeras referências filológicas, inferências lógicas e “analítica languageira” (LACAN, 1998, p.513). Na análise da retórica do sonho, por exemplo, essa analítica languageira sobre o modo como o discurso onírico é contado toma a forma de deslocamentos e condensações, nos termos de Freud, ou metonímias e metáforas, nos termos de Lacan (1998)⁶.

Nesse ponto, é importante retomarmos as condições de produção dessa defesa do estatuto teórico de Freud e Lacan feita por Althusser, ao estabelecer um programa que pudesse congrega a Psicanálise com o Marxismo, pois, como sabemos, nas condições de produção estão os modos de produção.

⁵ Observe-se a atração de Lacan pelo texto freudiano: “[...] estamos aqui para nos debruçar com admiração sobre os textos freudianos e nos maravilhar com eles [...]” (LACAN, 1992, p.18).

⁶ Faço referência, aqui, a dois textos fundamentais, ambos da década de 50: “Função e campo da fala e da linguagem” (1953) e “A instância da letra no inconsciente” (1957), posteriormente publicados em *Escritos* (1988).

Das condições de produção: Lacan e Althusser

Em 1964, Lacan já estava em seu décimo primeiro seminário e alguns de seus escritos fundamentais já circulavam em meio à intelectualidade. Nas palavras de Elisabeth Roudinesco (1988, p.403), “[...] para Lacan, a virada dos anos 1960-1965 concretiza um reconhecimento sem precedentes [...]”, reconhecimento baseado em formulações teóricas e em uma prática clínica. Esse é o momento de uma grande cisão na política das organizações psicanalíticas em função, justamente, daquilo que Lacan propõe ensinar e praticar com base na linguagem do inconsciente: Lacan está rompendo com a Sociedade de Psicanálise da França para fundar a Escola Francesa de Psicanálise. E é assim que a intervenção de Althusser tem sua maior relevância não só porque publica *Freud e Lacan*, como também porque, durante seu seminário de 1963, ele inclui a leitura e a discussão de textos de Lacan e, no ano seguinte, acolhe-o em seu seminário no âmbito da *École Normale Supérieure*. Em seguida, em 1965, em seu próprio seminário, Althusser propõe uma releitura coletiva de *O Capital*, de Marx, que desemboca na construção da noção de leitura sintomal (ou sintomática), uma forma de leitura apreendida a partir do próprio modo como Marx lê seus predecessores.

Althusser, da sua posição de filósofo, entremeia filosofia e epistemologia de um lado; mas, de outro, a linguística, com seu rigor metodológico, e a psicanálise, uma nova ciência pouco compreendida, como ele mesmo denomina e qualifica, para construir um modo de ler que trabalha nas lacunas, nas contradições, nos silêncios da materialidade do texto. Lembremos, aqui, o que ele afirma em *Ler o Capital*, livro organizado após o término do seminário mencionado anteriormente. Afirma Althusser (apud PÊCHEUX, 1990, p.45):

Foi a partir de Freud que começamos a suspeitar do que escutar, logo do que falar (e calar) quer dizer: que este “quer dizer” do falar e do escutar descobre, sob a inocência da fala e da escuta, a profundidade determinada de um fundo duplo, o “quer dizer” do discurso do inconsciente – este fundo duplo no qual a linguística moderna, nos mecanismos da linguagem, pensa os efeitos e condições formais.

A leitura sintomal, dessa forma, distancia-se das práticas de leitura então vigentes: distancia-se da leitura literal, que supõe uma espécie de inocência de um leitor desprovido de ideologia e apto a encontrar o conteúdo do texto, e distancia-se também de uma leitura hermenêutica, que supostamente encontraria nas entrelinhas o sentido oculto do texto⁷.

⁷ Confira Roudinesco (1988, p.400), inclusive quando ela afirma: “Há uma evidente analogia entre o retorno a Freud teorizado por Lacan nos anos cinquenta e a leitura althusseriana de Marx, elaborada dez anos depois.”

A partir dessa restauração de um enunciado portador de vazios, e da formulação de sua questão a partir da resposta, é possível trazer a lume as razões que explicam a cegueira da economia clássica sobre o que ela, entretanto, vê, portanto do seu não ver interior ao seu ver. Em outros termos, virá à superfície que o mecanismo pelo qual Marx vê o que a economia clássica não vê é idêntico também, em princípio pelo menos, ao mecanismo pelo qual estamos prestes a refletir essa operação de visão de um não visto do visto, ao ler um texto de Marx que é em si uma leitura do texto da economia política. (ALTHUSSER, 1984, p.22).

Esse tipo de leitura, chamada por Althusser de sintomal, caracteriza-se, portanto, por um decentramento do indivíduo na medida em que, ao privilegiar a noção de estrutura discursiva, recusa a tese central do idealismo humanista, que coloca o homem como centro e origem de tudo. Balibar (1980, v.2, p. 212-213), um dos participantes do seminário de Althusser e um dos autores de *Ler o capital*, apresenta justamente esse descolamento da posição idealista: “Os homens só aparecem na teoria [de Marx] sob a forma de suportes das relações implicadas na estrutura, e as formas de sua individualidade como efeitos determinados da estrutura.”

Em resumo, o que aproxima Althusser de Lacan, nesse momento teórico dos anos 60, nesse retorno a textos fundadores de seus campos de saber? O mesmo que aproximava outros intelectuais da época, como bem assinalou Paul Henry (1990) em texto sobre fundação da Análise do Discurso: a linguagem. Assim, para Lacan, a linguagem é a condição do inconsciente e, para Althusser, seguindo os passos de Lacan à sua maneira, a linguagem e o inconsciente são a condição do homem.

A questão do sujeito

Neste ponto, é necessário realçar a questão do sujeito. Como vimos, a recusa da posição idealista se inscreve em duas vias: nem o sujeito leitor nem o sujeito que produz o texto se encontram na origem de seus enunciados. Ao contrário, leitor e autor estão integrados nas condições de produção de tais enunciados. A posição do teórico é, então, a de localizar, formalmente, nessa rede de enunciados, as posições que marcam esses momentos de leitura e de autoria. É o que afirma Althusser (1984, p.71), conciliando Marx, Freud e Lacan:

Desde Copérnico, sabemos que a Terra não é o “centro” do Universo. Desde Marx, sabemos que o sujeito humano, o ego econômico, político ou filosófico, não é o “centro” da História – sabemos [...] que a História não tem um “centro”, mas possui uma estrutura que tem um “centro” necessário apenas no desconhecimento ideológico. Freud nos revela,

por sua vez, que o sujeito real, o indivíduo em sua essência singular, não tem a figura de um ego, centrado no “eu” (*moi*), na “consciência” ou na “existência” – quer esta seja a existência do para-si, do corpo-próprio, ou do comportamento –, que o sujeito humano é descentrado, constituído por uma estrutura que também tem um “centro” apenas no desconhecimento imaginário do “eu”, ou seja, nas formações ideológicas em que ele se “reconhece”.

Ambos, Lacan e Althusser, colocam-se na posição de leitores de Freud e de Marx, deprendendo desses autores uma metodologia de trabalho de leitura, a qual circunscreve o campo de suas investigações sobre o homem, e uma teoria que produz um decentramento desse homem como origem, para integrá-lo no funcionamento dos enunciados, tanto os produzidos efetivamente quanto aqueles silenciados. Com o apoio de Althusser, o modo de pensar a linguagem sob o ponto de vista lacaniano se expande para além das fronteiras da psicanálise.

Se Lacan é responsável por certa direção na teorização sobre a linguagem e sobre o sujeito, Althusser colabora na divulgação dessa teorização das noções de linguagem e sujeito: o primado da linguagem frente ao pensamento (inconsciente), a releitura do signo saussuriano à maneira de Lacan, engendrando a primazia e a antecipação do significante sobre o significado, uma concepção de sujeito que não é fonte do seu dizer e, finalmente, a ideia de que esse dizer traz elementos significantes da cadeia de um discurso inconsciente ao qual o sujeito não tem acesso. E mais, a aventura teórica formula a crítica do sentido como um conteúdo imanente que expressa uma verdade. Não há o sentido, pois isso que, habitualmente, chamava-se de “O sentido” era um efeito de sentido dependente de relações entre outros efeitos de sentido. Ao final de *Freud e Lacan*, após ter apresentado e sintetizado vários conceitos freudianos e lacanianos –tais como o Édipo, imaginário e simbólico, o falo como significante, Lei, dentre outros –, Althusser recomenda, em uma “nota bibliográfica para um estudo”, a obra de Lacan até então publicada e disponível para leitura.

Diferenças... Diferentes também em relação a si mesmos

Entre a publicação desse texto e *Marx e Freud*, há diferenças entre Althusser e Lacan que vão progressivamente se instaurando. De modo bastante sintético, e de acordo com os comentadores da obra de um e de outro, haveria uma passagem, ao longo dos anos 70 e 80, de um primeiro para um segundo Althusser e de um primeiro para um segundo Lacan (vamos expor alguns elementos dessa passagem, aqueles pertinentes à questão que nos interessa: sujeito).

Até que Althusser publique, em 1976, *Marx e Freud* à luz de elementos de autocritica lentamente gestados no interior do movimento comunista, um

percurso teórico vai construindo uma distância entre os objetos da psicanálise e do materialismo histórico. Em *Marx e Freud*, nenhuma palavra sobre Lacan, embora permaneça uma admiração pelo freudismo. Nesse texto, Althusser vai inicialmente argumentar em torno da proximidade existente entre o modo de teorizar dos dois fundadores dessas novas ciências. Tanto Marx quanto Freud definiram seus objetos bem como seus limites e sua extensão, caracterizando seus modos de existência e seus efeitos, ou seja, construíram seus objetos como objetos de conhecimento, teóricos, portanto. Assim, ambos teriam sido materialistas *avant la lettre*, pois se o materialismo “[...] é a existência da realidade fora do pensamento ou da consciência [...]”, para Althusser (1984, p.76), “Freud é desde o início materialista, já que nega a primazia da consciência não só no conhecimento, mas também na própria consciência.” Além disso, ao conceituar o aparelho psíquico, Freud demonstra que o ego é um efeito desse aparelho psíquico, formado também pelo id e pelo superego. Em outras palavras, o aparelho psíquico não é uma unidade centrada, e o inconsciente não é uma realidade material nem uma realidade social.

Indo mais adiante, Althusser assinala que o materialismo e a psicanálise são teorias sob o domínio da conflituosidade, pois, cada uma, a seu modo, atinge as posições da burguesia tanto no que ela produz ideologicamente, de forma a ocultar a exploração de classe numa dada formação social, quanto no que essas posições ajudam a sustentar: uma ideia de um sujeito psicológico, ou seja, o homem consciente e racional.

Essa ideologia do *sujeito-consciente* constitui a filosofia implícita na teoria da Economia Política Clássica e foi sua versão *econômica* que Marx criticou, ao recusar a noção de *homo economicus*, segundo a qual o homem se define como o sujeito-consciente de suas necessidades, e esse sujeito-de-necessidade, como o elemento último e constitutivo de toda a sociedade. (ALTHUSSER, 1984, p.84).

É esse sujeito-consciente-de-si o objeto de uma reviravolta crítica nos campos teóricos do marxismo e do freudismo. Assim, seguindo seu raciocínio, Althusser demonstra que essa categoria do sujeito-consciente-de-si, portador de uma identidade, consciente de suas necessidades e responsável por seus atos, é necessária à ideologia burguesa, já que, dessa forma, é possível obrigá-lo e responsabilizá-lo em consciência. O sujeito-consciente-de-si é, também, o sujeito-(consciente)-de-seus-atos, complemento necessário do sujeito-de-direito.

Ao postular a luta de classes e ao descobrir o inconsciente, Marx e Freud tocaram em pontos sensíveis dessa ideologia que sustenta o sujeito como a interioridade de uma unidade, portador de uma identidade, de vontades e de uma consciência. Segundo Althusser, apesar de construírem objetos diferentes – nem

Marx foi “além de uma teoria das formas históricas da individualidade” nem Freud se dedicou a fazer um estudo psicanalítico do social⁸–, os dois autores têm afinidades teóricas importantes e introduziram outras formas de pensar, “formas revolucionárias”, segundo o autor.

Em Althusser, essa pontuação de defesa do pensamento freudiano marca, como dissemos, com apoio no próprio Althusser, a defesa teórica da diferença entre objeto real e objeto de conhecimento. Marca, também, a ideia de que só se faz ciência quando se pode produzir um objeto de conhecimento capaz de se apropriar do real⁹. Porém essa defesa é simultânea a um recuo frente ao pensamento lacaniano, pelo menos do segundo Lacan, o chamado Lacan da clínica do real. Vejamos que Lacan é esse.

O segundo Lacan

Em 1964, com o *Seminário 11*, Lacan pontua e formaliza os conceitos fundamentais da psicanálise: inconsciente, objeto a, pulsão e transferência. É nesse seminário que ele afirma que “só há causa para o que manca” (LACAN, 1988, p.27), indicando aí uma formulação para o inconsciente como algo que se articula no que escapa no encadeamento significante, e não no articulado. O sujeito do inconsciente é pontual e evanescente, no exato momento em que é produzido, na sequência, é perdido. Quando falamos, portanto, falamos alienados ao campo do Outro, uma alienação importante porque, sem ela, o sujeito não se constitui. O inconsciente, portanto, é da ordem da rachadura, do tropeço nessa fala alienada.

“Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. [...] Assim, o inconsciente se manifesta sempre como o que vacila num corte do sujeito [...] em que o sujeito se saca em algum ponto inesperado.” (LACAN, 1988, p.30, 32).

Vejamos mais como isso se dá. Os significantes de cada sujeito são determinados por uma história familiar de cada um: aqui se constitui o tesouro de significantes de cada sujeito, a cadeia significante que determina o sujeito e estrutura seu discurso. Nós nos localizamos, posicionamo-nos como sujeito ao falar, mas não nos damos conta disso. O sujeito, portanto, se reconhece nessa cadeia articulada e o desconcerto (ou a surpresa) se dá, justamente, quando essa cadeia falha, quando há um tropeço na cadeia. A noção de inconsciente, quando articulada às categorias real/simbólico/imaginário de Lacan, aponta,

⁸ Muito embora possamos encontrar, ao longo da obra de Freud, reflexões psicanalíticas extremamente importantes sobre o funcionamento social, como em *O mal-estar na civilização*.

⁹ Sigo, aqui, os comentários de Evangelista na introdução do livro *Freud e Lacan, Marx e Freud* (ALTHUSSER, 1984, p.36).

por um lado, para a radicalidade de uma falta nessa cadeia significante – falta um significante que diga quem sou... ou que diga “sou isso”... – e mostra, por outro, que buscamos constituir sentidos o tempo todo – tentativas de dar consistência ao ego – por sermos marcados por esse não dito estrutural¹⁰. Ou seja, na falha da cadeia, encontramos o real articulado no simbólico, inscrito nessa cadeia: o real promove a escrita da falta de um significante e, paradoxalmente, é inapreensível, não se dá a ver, a escutar, não se apreende, escapa sempre. O real só é apreensível pela via do imaginário, pelas tentativas de produção de sentidos que deem conta dessa falta (de um significante) que nos funda como sujeitos¹¹.

Entre os anos 60 e 70, Lacan mantém sua conceituação de significante – um significante só representa a si mesmo; no máximo, representa um sujeito para outro significante –, e de sujeito, como sujeito do inconsciente, que emerge entre dois significantes. Mas ao longo dos anos 70, Lacan nomeia o que faz de “linguística” para se diferenciar do trabalho da linguística e, também, do estruturalismo. Para ele, a linguística é construída para formalizar uma completude, uma totalidade e uma consistência da língua. Lacan afirma algo que, até então, aparentemente, não precisava ser dito: “Meu dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não é do campo da linguística. [...] e esta fórmula muda totalmente a função do sujeito como existente.” (LACAN, 1985, p.26). Essa distinção de campos de trabalho se faz necessária porque aponta para uma aceitação (ou não) do conceito de real na ciência. A linguística, lembremos, é formulada na ordem da ciência, na ordem justamente da suposição de apreensão da língua objeto do conhecimento.

Ao lado disso, Lacan acentua a crítica de que a linguagem serve para a comunicação, dizendo que esse conceito – linguagem – é construído pelo discurso científico para dar conta do que ele, Lacan, formula como **alíngua** e como **falasser** (parlêtre), o ponto onde o sujeito e o desejo inconsciente se articulam. “A linguagem”, diz Lacan (1985, p.27), “é feita de alíngua”. E prossegue: “Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de alíngua, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar.”

Alíngua é um não todo suportado pela língua. Se a linguística constitui a língua como seu objeto, uma “rede” (conforme metáfora de Milner (1987, p.26)), trata-se de uma rede que comporta um objeto faltoso. A linguística e a gramática tentam representar a língua construindo imaginariamente sua completude:

¹⁰ O S/ (S com barra) da teoria lacaniana marca essa falta estrutural (LACAN, 1988, p.203).

¹¹ Lacan sempre esteve atento ao pensamento marxista e crítico ao discurso capitalista. Em seu seminário inédito *De um outro ao Outro*, seminário que ocorre logo entre 1968 e 69, Lacan (2004) formula o conceito *mais de gozar*, nome dado ao objeto, estabelecendo uma analogia com o conceito de mais valia de Marx.

deslocam o real da língua materna, entendendo-o como “erro” cuja correção é signo de prestígio social. Aí funciona a exigência de completude, de correção, de homogeneidade. Como diz Milner (1987, p. 26-27),

Sabe-se que o esforço dos linguistas estruturalistas consiste em obrigar o linguista a tratar toda língua como se ninguém a falasse e, se se trata da sua própria, tratá-la em idioma estrangeiro. Essa era, evidentemente, a via mais segura para impedir todo retorno incômodo do que poderia deixar incompleto o objeto a representar.

Em síntese, talvez possamos afirmar que Lacan, ao contrário de Althusser, não se propõe a salvar a ciência... nem a linguística dos efeitos do real.

Concluindo com Pêcheux

Retomando as formas revolucionárias de pensar mencionadas anteriormente, o marxismo e a freudismo, conforme mencionei ao longo deste meu texto, produziram conflitos, desestabilizaram o terreno do idealismo, mas essa ruptura foi sendo, aos poucos, engolida, diluída pelo retorno aos “velhos hábitos de pensar”.

Em 1969, Pêcheux afirmava, e não podemos esquecer o profundo vínculo teórico que ligava Pêcheux e Althusser, que uma hipótese possível sobre as consequências políticas de maio de 68 no projeto político-universitário implicava uma mudança radical do próprio projeto científico e “[...] marcaria o fim de uma época para além da qual todo saber estaria por ser reinventado”. (PÊCHEUX, 1988, p. 173). Uma transformação que pressuporia um trabalho crítico de redefinição das categorias de base das ciências humanas, o que permitiria a produção de resultados sobre as próprias bases.

Se somos leitores atentos da obra de Pêcheux, sabemos bem que é, também, em 1969 que ele publica *Análise Automática do Discurso*, livro que representa justamente uma tentativa de virada na dominância da metodologia da análise de conteúdo em vigor, uma metodologia altamente formalizada, baseada em estatísticas e vinculada a uma concepção de leitura que pressupõe a literalidade do texto e um sujeito autor/leitor consciente etc... Essa *Análise Automática do Discurso*, tanto pela inclusão de uma proposta teórico-metodológica com base em categorias do materialismo histórico como pela explicitação da possibilidade de explorar uma via de matematização com a utilização de programas de computadores, introduz uma reflexão inovadora ao não cair em um reformismo teórico e ao apontar para um dispositivo de análise que não excluía o político de suas discussões sobre a produção de sentidos e, ao mesmo tempo, deslocava a discussão da noção de indivíduo para a de posição-sujeito na produção discursiva.

Nos anos que seguem, ao contrário de Althusser, Pêcheux não retifica totalmente uma ligação com a psicanálise lacaniana, fazendo referências muitas vezes mais implícitas do que explícitas ao pensamento de Lacan¹². Podemos supor que Pêcheux segue à risca seu próprio programa sugerido no artigo de 1969, ou seja, aceita a inquietação e a falta de conforto que implica uma recusa em seguir o que se tem como evidência daquilo que deve se ocupar a prática teórica, numa dada conjuntura.

Mas acho que podemos ir além e supor que o desconforto se manifesta não apenas pela resistência teórica e política a um pensamento estabelecido, mas se deixa pegar, também, pelo desconcerto que a entrada em cena do conceito de inconsciente articulado ao conceito de real provoca. Pêcheux se viu diante do real, um real incontornável. Como uma observação paralela, sujeita a verificações, observamos que há uma mudança na escrita de Pêcheux. Seus textos iniciais, dos anos 60 e 70, são construídos com frases mais dogmáticas, mais longas, com raciocínios intrincados e imbricados na teoria materialista. Em *Semântica e Discurso* e em *A língua inatingível*, uma primeira mudança: a forte entrada do chiste e da ironia na escrita.

Na terceira parte de *Discurso: estrutura ou acontecimento*, Pêcheux prossegue onde, no meu entender, Althusser parou. Questionando-se sobre um real próprio às disciplinas de interpretação, Pêcheux afirma que os efeitos desse real não podem ser descartados como um defeito. Ou seja, um real “que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos.” Não levar em conta esse real representa o risco de se cair no comodismo dos velhos hábitos de pensar, que encontram, em uma ciência régia, os caminhos que domesticam o real da língua e da história.

Ele chama de “o próprio da língua” esse jogo ao qual a língua está submetida o tempo todo em função dos equívocos, das elipses, das alterações inerentes ao funcionamento da cadeia significante. Para Pêcheux, o objeto da linguística não existe sem o fato estrutural do equívoco, algo que se marca no “ordinário cotidiano” da produção de sentidos, mas a Linguística furta-se a lidar com isso.

Conclusão parcial e provisória

Em suma, e fazendo coro com Pêcheux, não havendo um “trabalho sobre os conceitos” nem sobre “o conjunto dos efeitos do teórico” desse trabalho, resta

¹² Em 1988, *Semântica e discurso* (cuja publicação em Francês foi em 1975 com o título *Lés vérités de La Palice*), e depois, em *Só há causa daquilo que falha* (artigo que foi acrescentado na tradução brasileira de *Lés vérités de La Palice*), há referências ao pensamento lacaniano. As citações, porém, estão mais para o implícito.

um aplicacionismo que reduz a fundamentação teórica ao uso de conceitos – ou melhor, ao uso dos rótulos conceituais, sem o peso da reflexão a eles inerente – relativos a algum nome fundador e em nome de serem úteis à leitura de um *corpus* determinado. Note-se, em relação à questão dos conceitos, a oposição entre “uso” e “trabalho”: tal oposição já representa a mudança de uma posição teórica, pois está em jogo a diferença entre uma posição pragmática sem reflexão e uma posição histórica que supõe o trabalho como uma atividade transformadora.

Em suma, “lutar contra o habitual”, em ciência, parece simples, mas há que se fazer um esforço teórico – com toda sua aridez e abstração – para não ser tomado por filosofias espontâneas que perpassam as ciências humanas e as linhas de pesquisa, proporcionando facilidades metodológicas e produzindo teorias *best sellers*. Desacomodar autores e leituras é um trabalho que se faz lendo esses autores e lutando com a complexidade do pensamento teórico.

Por fim, não há como não pensar sobre a situação da análise do discurso em seu momento atual, pois, há vinte anos, mais ou menos, a orientação do materialismo histórico em análises de linguagem – melhor dizendo, a pesquisa em uma semântica discursiva de base materialista – era algo concebido como pouco científico e, portanto, pouco merecedor de financiamentos para pesquisa e de publicações.

Para os dias de hoje, melhor seria, talvez, colocar a expressão no plural: análises do discurso, para, então, buscar os determinantes que marcam diferenciações, tais como, “francesa”, “brasileira”, “anglo-saxã”, “crítica”, “de base semiótica”, “semio-análise”, ou ainda, como forma de diferenciação, a utilização de determinantes a partir dos nomes próprios às quais se vinculam, como “pecheutiana”, “foucaultiana”, “com base em Maingueneau”, “greimasiana” e por aí vai. Ora, qual a garantia de cientificidade baseada no materialismo que esses determinantes trazem?

Por outro lado, o maior ou menor sucesso, atualmente, das linhas de pesquisa em análise do discurso deve-se justamente ao uso de um ou outro desses determinantes. E, muitas vezes, tal sucesso deve-se a uma maior facilidade de aplicação de modelos teórico-metodológicos que, retomando Pêcheux, nada mais fazem do que esvaziar a subversão do pensamento materialista em função de sua submissão às filosofias espontâneas do hábito do pensamento formalista e empirista. Podemos afirmar, então, que a diferença básica encontra-se no que está silenciado, porém, pressuposto: a presença de fato do materialismo histórico.

Mas também não se pode deixar passar em branco o fato de que, cada vez mais, as ciências humanas veem-se submetidas a modelos de avaliação quantitativos que privilegiam o número de orientações concluídas em prazos curtos bem como supervalorizam as publicações (mais em quantidade do que em qualidade). São

fronteiras delimitadas, podemos pensar, por um discurso capitalista que associa, de modo simplista e genérico, na maioria das vezes, quantidade de produção acadêmica com seriedade.

MARIANI, B. Michel Pêcheux's foundation texts and concepts: revisiting Althusser and Lacan. *Alfa*, São Paulo, v.54, n.1, p.113-127, 2010.

- **ABSTRACT:** *This paper describes Michel Pêcheux's theoretical development of the concept of subject. Accordingly, it revisits the marxist and psychoanalytical foundation texts that are understood to underpin Pêcheux's conceptual framework. The starting point is the revision of Pêcheux's issues on the 60's theoretical approach to the novel reading practices at that time. The revision includes Althusser's and Lacan's foundation texts linked to Discourse Analysis, the purpose of which was to recover Althusser's reading practice proposal after Freud, which shows that the reading of a symptom is different from a literal reading. The latter presupposes a naive, unaffected-by-ideology, and able-to-find-the-meaning text reader. It is also different from a hermeneutic text reader, which is likely to find the meaning that underlies the words. In sum, the paper, on revisiting those foundation issues related to Discourse Analysis, contributes to shed some more light on relevant aspects of its conceptual framework.*
- **KEYWORDS:** *Discourse analysis. Materialism. Psychoanalysis. Subject. Reading.*

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Tradução de Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1984.

_____. *Ler O Capital*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. v.1.

BALIBAR, E. Sobre os conceitos fundamentais do materialismo histórico. In: ALTHUSSER, L. *Ler O Capital*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980. v.2. p. 212-213.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da análise automática do discurso de Michel Pêcheux. In: GADET, F. HAK, T. (Org.). Tradução de Bethania Mariani et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990. p. 13-38.

LACAN, J. *De um outro ao outro*. Recife: Centro de Estudos Freudianos, 2004. Publicação não comercial exclusiva para os membros do centro de estudos freudianos do Recife.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente. In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.496-536.

_____. *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-*

1955). Tradução de Marie Christine Laznik Penot. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

Tradução de MD Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução de MD Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. v.19.

LEBRUN, J-P. *A perversão comum; viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MELMAN, C. *O homem sem gravidade; gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MILNER, J-C. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

ROUDINESCO, E. *História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. v.2.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FREUD, S. *O Ego e o Id e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição Standard Brasileira, v.19).

Recebido em agosto de 2009.

Aprovado em novembro de 2009.

